



## EDUCAÇÃO MIDIÁTICA E DESIGUALDADE SOCIAL NA REDE DE ENSINO DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO

Luana Xavier Candido (IC) e André Cioli Taborda Santoro (Orientador)

**Apoio:** PIBIC CNPq

### RESUMO

O artigo busca investigar como as práticas de educação midiática, integradas ao componente de Linguagens da nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC), podem efetivamente contribuir para a redução das desigualdades socioeconômicas e educacionais. A educação desempenha um papel fundamental na formação de cidadãos críticos, porém quando fornecida de forma desigual, pode perpetuar a exclusão social e a marginalização econômica. Por outro lado, a desinformação e as fake news surgem como um dos maiores desafios da atualidade, comprometendo a capacidade dos indivíduos de formarem opiniões críticas e tomarem decisões embasadas em fatos. Nesse contexto, a educação midiática surge como uma resposta a esse problema. A educação midiática é a capacidade de acessar, analisar criticamente e criar conteúdo midiático, promovendo a cidadania e combatendo a desinformação. Desse modo, o estudo busca avaliar como as disparidades socioeconômicas no ensino público de São Paulo, por meio de indicadores educacionais como o Índice de Nível Socioeconômico (INSE), podem apontar uma defasagem na implementação desse componente. A educação midiática no currículo é crucial para combater a desinformação, e a sua implementação no componente curricular das escolas cria a possibilidade da promoção dessas habilidades. No entanto, é necessário avaliar se as políticas públicas estão assegurando recursos, infraestrutura nas escolas e a capacitação de educadores.

**Palavras-chave:** mídia; educação; desigualdade

### ABSTRACT

This article seeks to investigate how media literacy practices, integrated into the Language component of the new National Common Curricular Base (BNCC), can effectively contribute to reducing socioeconomic and educational inequalities. Education plays a fundamental role in the formation of critical citizens, but when provided unequally, it can perpetuate social exclusion and economic marginalization. On the other hand, misinformation and fake news emerge as one of the greatest challenges of our time, compromising individuals' ability to form critical opinions and make decisions based on facts. In this context, media literacy



emerges as a response to this problem. Media literacy is the ability to access, critically analyze, and create media content, promoting citizenship and combating misinformation. Thus, the study seeks to assess how socioeconomic disparities in public education in São Paulo, through educational indicators such as the Socioeconomic Level Index (INSE), can indicate a gap in the implementation of this component. Media literacy in the curriculum is crucial to combating misinformation, and its implementation in the school curriculum creates the possibility of promoting these skills. However, it is necessary to assess whether public policies are ensuring resources, infrastructure in schools and the training of educators.

**Keywords:** media; education; inequality



## 1. INTRODUÇÃO

A educação, quando não fornecida de forma igualitária, pode contribuir para perpetuar esse cenário de desigualdade social. A educação pode ser vista como um meio de ascensão social, possibilitando o acesso a empregos mais bem remunerados e a uma posição social mais elevada. Fantin (2009), discute que diversos estudos abordam o impacto da exclusão digital como a exclusão digital pode impactar na desigualdade social e na qualidade de vida de um indivíduo (p. 72).

Soares (2002) também argumenta que a desigualdade no acesso à informação é a principal justificativa para a preocupação com a utilização do mundo digital no Brasil, uma vez que essa ferramenta pode agravar ainda mais o problema já existente entre os cidadãos brasileiros (p. 18). A educação pode se tornar mais inacessível para determinados grupos sociais, perpetuando assim a exclusão social e a marginalização econômica.

Segundo Lopes, a habilidade de acessar os meios de comunicação engloba compreender e avaliar criticamente os diferentes aspectos das mídias e de seus conteúdos, bem como criar comunicações em diversos contextos. Além disso, estar familiarizado com as diversas mídias (2011, p. 13).

A educação midiática não se restringe apenas ao acesso dos equipamentos e sim competências culturais, habilidades sociais e conhecimento:

habilidades relacionadas a jogos, experimentação e solução de problemas; capacidade de manusear diferentes fontes de mídia e modos de comunicação, navegando neles e entre eles; habilidade em fazer networking e colaborar, localizar informações e interagir com os outros; e habilidades relacionadas à avaliação crítica e capacidade de julgamento (Buckingham, 2012, p. 51).

Além disso, quanto ao acesso à internet, levanta-se a questão de que é possível que, ao invés da internet democratizar, na verdade, acentuar desigualdades:

Jovens desengajados e insatisfeitos – ou menos favorecidos – que queiram participar precisam desenvolver habilidades relativamente tradicionais de localização e avaliação de informações, a fim de construir argumentos e pensar criticamente; essas habilidades, por sua vez, dependem da capacidade razoavelmente avançada de leitura e escrita tradicionais (Buckingham, 2012, p. 51).

As escolas possuem um papel crucial na promoção das habilidades de educação midiática, por meio da inclusão das competências de Jornalístico-Midiático hoje inseridas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Dessa forma, é possível capacitar os estudantes



para conseguirem compreender e criticar as mensagens midiáticas que circulam na sociedade, promovendo assim uma sociedade mais informada e consciente. Segundo Cortes, Martins e Souza, é uma competência que vem cada vez mais ganhando destaque na área da educação:

A temática da Educação sobre e com as mídias vem sendo recorrente em alguns congressos e documentos oficiais que assumem a inevitável necessidade de aproximação entre as áreas: Educação e Comunicação. Notoriamente, os avanços técnicos e as mudanças sociais e culturais impulsionam essa dialética para uma visão inter/transdisciplinar que dê conta dos desafios da cultura digital (2018, ONLINE).

A nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC) possui a proposta de incorporar em seus currículos pedagógicos, mais especificamente na área de Linguagens no Campo de Campo Jornalístico-Midiático, a educação midiática, com o propósito de promover habilidades e ferramentas para formar alunos críticos em relação às mídias (BNCC, 2022, p. 489)

## **2. DESENVOLVIMENTO DO ARGUMENTO**

### **2.1 Desinformação**

O acesso a informações confiáveis e precisas é essencial para que cada indivíduo possa tomar decisões embasadas. Contudo, a desinformação “são tentativas deliberadas (frequentemente orquestradas) para confundir ou manipular pessoas por meio de transmissão de informações desonestas” (UNESCO, 2020, p. 7).

Podemos entender como desinformação, a disseminação intencional ou não de notícias falsas, que podem gerar desinformação, levando a crenças equivocadas sobre a realidade. Desse modo contribui de forma negativa em diversos aspectos da nossa sociedade, gerando desconfiança em instituições, conflitos de classe e crises políticas. Conforme o relatório da UNESCO, a reflexão sobre o problema das informações poluentes nas mídias sociais deve considerar a motivação dos criadores desse tipo de conteúdo e como eles são recebidos pelo público. Além disso, é importante analisar a motivação dos usuários que compartilham essas postagens e compreender a complexidade do debate em torno dessa questão (2020, p. 47).

É necessário compreender sobre a dinâmica da desinformação que ocorre em um sistema informacional:



A desinformação é um sistema informacional que molda a opinião pública de acordo com seus interesses utilizando uma série de artifícios e mecanismos para manter a hegemonia, e isso não é nada novo. Contudo, com a velocidade da demanda de informações no meio digital e o espalhamento de informações com uma rapidez multiplicada, a desinformação ganha vulto com o fenômeno de circulação de fake news. (Brisola; Bezerra, 2018, p. 3323)

A educação midiática surge como uma resposta no combate à desinformação, e exige uma abordagem multidisciplinar na educação, que serve como ferramenta no combate às fake news.

## **2.2 Educação Midiática**

A educação midiática é a capacidade de entender e acessar os diferentes tipos de mídia. O conceito possui três dimensões: acesso e uso, que pressupõe a capacidade de acesso a diferentes tipos de mídia; leitura, análise e compreensão crítica, que se refere à competência de análise, compreensão e avaliação dos diferentes tipos de mídias; e, por fim, a produção e expressão, que envolve as competências de criar conteúdo e usar a mídia como meio de expressão e participação (PEREIRA, 2021, p. 59).

Buckman (2010), conceitua o letramento digital como não sendo apenas uma questão funcional de utilizar o computador ou realizar pesquisas em mecanismos de busca. Dessa forma, precisamos entender essa competência não apenas como instrumental ou funcional, pois as habilidades precisam ser relacionadas às mídias digitais e não apenas à recuperação de informação. Se faz necessário avaliar e utilizar a informação de modo crítico, para transformá-la em conhecimento:

Isso significa fazer perguntas sobre as fontes dessa informação, os interesses de seus produtores e as formas como ela representa o mundo, compreendendo como estes desenvolvimentos tecnológicos estão relacionados a forças sociais, políticas e econômicas mais amplas (Buckman, 2010, p. 49).

Por meio de atividades que envolvem a análise crítica de textos, imagens, vídeos e outras formas de comunicação:

Ao combinarmos qualquer conteúdo curricular com leitura e criação de mídias, de forma reflexiva e intencional, ampliamos as possibilidades de recursos e abordagens, e da própria ideia de alfabetização. Afinal, para acessar, filtrar e compreender a informação que chega o tempo todo e por todos os lados também para as crianças e jovens, saber ler e escrever não basta. Para dar sentido a tanta informação, construir conhecimento e encontrar sua voz – e portanto ser “plenamente alfabetizado” no universo informacional hoje – é preciso aprender novas habilidades e



incorporar novos hábitos (FERRARI; MACHADO; OCHS, 2020 p. 67-68).

No campo educacional, a educação midiática surge como uma ferramenta para promover a equidade educacional, proporcionando ferramentas de competência de leitura midiática, assim formando cidadãos capazes de tomar decisões embasadas e críticas. Implementar essa prática ao passado, que, independentemente do perfil socioeconômico do indivíduo, ajudará a combater desinformação:

O cidadão de hoje pede ao sistema educativo que o capacite a ter acesso à multiplicidade de escritas, linguagens e discursos nos quais se produzem as decisões que o afetam, seja no campo de trabalho como no âmbito familiar, político e econômico. Isso significa que o cidadão deveria poder distinguir entre um telejornal independente e confiável e outro que seja mero porta-voz de um partido ou de um grupo econômico, entre uma telenovela que esteja ligada ao seu país, inovando na linguagem e nos temas e uma telenovela repetitiva e simplória. Para tanto, necessitamos de uma escola na qual aprender a ler signifique aprender a distinguir, a tomar evidente, a ponderar e escolher onde e como se fortalecem os preconceitos ou se renovam as concepções que temos sobre política, família, cultura e sexualidade (Barbero, 2000, p. 58).

Nesse contexto, a educação midiática pode ser uma ferramenta importante para desenvolver essas habilidades críticas e promover a cidadania dentro das escolas em um mundo cada vez mais digital. De acordo com Lopes, é a habilidade de acessar os meios de comunicação, compreender e avaliar criticamente os diferentes aspectos das mídias e de seus conteúdos, bem como criar comunicações em diversos contextos, além disso, estar familiarizado com as diversas mídias que caracteriza a educação para as mídias. (2011, p. 13). Ao desenvolver habilidades, os indivíduos são amparados por ferramentas para que consigam identificar as mensagens e significados presentes nos mais diferentes tipos de mídia.

### **2.2.1 A Educação Midiática em Linguagens na Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**

Tem sido um desafio a implementação do novo ensino médio na maioria das escolas. A reorganização do currículo e a infraestrutura desigual para o atendimento de novas demandas dos alunos são alguns dos desafios enfrentados.

BNCC trata enfaticamente sobre a parcela pertinente ao papel do professor e das escolas na elaboração de currículos que priorizem as dez competências previstas, não fazendo referência, por exemplo, a questões cruciais para a escola pública, como as obrigações do Estado no tangente à criação ou manutenção das escolas com



espaços que favoreçam o letramento digital, tais como laboratórios de informática, acesso à internet etc. Em outras palavras, a previsão da BNCC situa-se no modelo de ensino, mas os agentes das escolas públicas sabem que há graves problemas estruturais sem a resolução dos quais, fica-se de mãos atadas para inovar no trabalho pedagógico. (Francisco, 2018, p. 11)

A adaptação das novas demandas do ensino é o grande desafio devido à atualização do novo ensino médio, em termos de aprendizagem e equidade. É importante avaliar e acompanhar os impactos e necessidades de cada realidade.

A Base Nacional Comum Curricular caracteriza a o campo jornalístico-midiático como:

a circulação dos discursos/textos da mídia informativa (impressa, televisiva, radiofônica e digital) e pelo discurso publicitário. Sua exploração permite construir uma consciência crítica e seletiva em relação à produção e circulação de informações, posicionamentos e induções ao consumo (BNCC, 2022, p. 489).

Em São Paulo, temos o Currículo Paulista, que serve como base para escolas do estado seguirem, nele encontramos as novas práticas de educação midiática da nova BNCC. O currículo paulista é seguido. Destrinchando a área de Linguagens, foi incorporado a educação de midiática no campo jornalístico-midiático que caracteriza: “discursos/textos da mídia informativa (impressa, televisiva, radiofônica e digital) e ao discurso publicitário” (Currículo Paulista, p. 51, 2020). Assim, permitindo a construção de uma consciência crítica quanto à leitura e produção de conteúdo midiáticos.

As habilidades de conhecimento do Campo Jornalístico-Midiático engloba diversas habilidades, algumas delas são a de analisar os diferentes graus de parcialidade/imparcialidade, analisar formas contemporâneas de publicidade em contexto digital, identificar valores e representações de situações, grupos e configurações sociais veiculadas, desconstruindo estereótipos, destacando estratégias de engajamento e viralização. Analisar, discutir, produzir e socializar, tendo em vista temas e acontecimentos de interesse local ou global, notícias, fotos-denúncias, fotorreportagens, reportagens multimidiáticas, documentários, infográficos, podcasts noticiosos, artigos de opinião, críticas da mídia, vlogs de opinião, textos de apresentação e apreciação de produções culturais, dentre outras. (Currículo Paulista, p. 81-82, 2020)

### **2.2.2 A Educação Midiática na Redução de Desigualdades Educacionais.**



A mídia tem um grande impacto na formação da opinião pública e na disseminação de informações. Desse modo, muitas vezes acaba moldando a compreensão da nossa realidade. No entanto, nem sempre essa informação é precisa e imparcial, podendo ser tendenciosa ou mesmo falsa, levando a uma compreensão equivocada da realidade. Nesse contexto, a educação midiática entra com a finalidade de desenvolver habilidades críticas de análise e interpretação da informação transmitidas pelos meios de comunicação.

É necessário diferenciar os tipos de conteúdo de acesso, dado conhecimento técnico ou as habilidades (capital tecnológico, cultural ou educacional). Desigualdades digitais relacionadas ao acesso do meio refletem desigualdades sociais mais amplas. A participação online, longe de resolver desigualdades, pode resultar:

as desigualdades em níveis de participação estão claramente relacionadas a formas mais amplas de desigualdade social – coincidindo, em grande parte, com outras diferenças, a exemplo de como famílias de distintas classes sociais usam as dimensões educacionais da internet ou participam de atividades criativas ou artísticas quando estão desconectadas. Em sua maioria, os participantes mais ativos no mundo criativo da Web 2.0 são os “mesmos de sempre”. Na verdade, se a participação on-line for tão importante social, cultural e politicamente quanto os entusiastas sugerem, então parece provável que, longe de acabar com a desigualdade social, ela pode na verdade vir a acentuá-la (Buckingham, 2012, p. 48).

Também é essencial entender a necessidade na implementação de práticas midiáticas que ofereçam habilidades quanto ao acesso, dando poder ao indivíduo de interpretar e analisar conteúdos midiáticos. Em um contexto escolar, com argumenta Buckingham:

A mídia digital – Internet, telefonia móvel, jogos de computador, televisão interativa – hoje é um aspecto indispensável no tempo de lazer das crianças e dos jovens. De fato, a primeira relação deles com a tecnologia digital já não ocorre hoje no contexto escolar – como fora nos anos 1980 e mesmo no início dos 1990 –, pois ela se tornou do domínio (p. 38, 2010).

Dessa forma, no contexto educacional, quando a infraestrutura ou o acesso aos meios se mostra ausente devido à falta de recursos dos indivíduos ou a ausência de políticas públicas educacionais, pode limitar esse aprendizado.

Devemos entender que muitas vezes, essas disparidades podem gerar lacunas na educação das mídias, por consequência uma exclusão digital, que não significa necessariamente a falta de acesso ao computador ou telefone celular, mas sim uma deficiência na capacidade crítica: "E continuarmos incapazes de pensar, de criar e de



organizar novas formas, mais justas e dinâmicas, de produção e distribuição de riqueza simbólica e material" (Fantin, 2009, apud Schwartz, 2000, p. 71).

Segundo Fantin, é necessário pensarmos o acesso à cultura digital de forma dialética, dessa forma: "deixando de lado qualquer iluminismo ingênuo ou perspectivas assistencialistas de distribuição de equipamentos". Além disso, é olhar para políticas públicas educacionais, como formação de educadores, programas especiais de educação e cultura (p. 71-72, 2009). Sendo assim, é indispensável observar quais políticas públicas já estão sendo realizadas e como estão sendo implementadas.

#### **2.2.4 Desigualdades na Implementação da Educação Midiática**

No contexto educacional, quando a infraestrutura ou o acesso aos meios se mostra ausente devido à falta de recursos do indivíduo ou à ausência de políticas públicas no área educacional, pode limitar esse aprendizado e aumentar uma lacuna socioeconômica: "se a participação on-line for tão importante social, cultural e politicamente quanto os entusiastas sugerem, então parece provável que, longe de acabar com a desigualdade social, ela pode, na verdade acentuá-la" (Buckingham, p. 48, 2012). Sendo assim, em uma sociedade cada vez mais digital, onde suas opiniões em relação ao social, cultural e político estão cada vez mais formadas dentro do espaço digital, se faz necessário desenvolver essas habilidades dentro de um ambiente educacional.

Além disso, não necessariamente possuir acesso às mídias significa que o indivíduo possui essa capacitação para transitar nos meios digitais e/ou produzi-los:

também apontam um desequilíbrio de classes sociais – enquanto Warschauer<sup>31</sup>, em estudo mais antigo, afirma que, ao mesmo tempo que as pessoas em comunidades menos favorecidas podem, cada vez mais, possuir computadores, há também menos probabilidade de possuir as capacitações de multimídia e banda larga necessárias à criação e compartilhamento de conteúdos mais sofisticados (Buckingham, pag. 48, 2010).

Fantin também comenta sobre o problema da desigualdade em relação aos acessos e à sua própria reprodução de conteúdos midiáticos: "a distância entre os que têm e os que não têm completo acesso aos arquivos da cultura disponibilizados pelas mídias e às possibilidades de recriá-los criticamente" (p. 70, 2009).

A escola pode proporcionar um papel proativo, quando se propõe a apresentar perspectivas críticas e oportunidades de participação dentro da nova mídia. Desse modo, Buckman também completa que para evitar perigos do utopismo e instrumentalismo radical,



fazer o jovem participar nos mundos cibernéticos levanta questões fundamentais também no futuro da escola como instituição, sendo assim um dos grandes desafios para preparar alunos para os desafios da era digital (2010, p. 39).

### **2.3 Desigualdade na Educação Pública em São Paulo**

A desigualdade de acesso à educação teve um papel importante na história do país, com profundas consequências nos níveis de desigualdade de renda (Comin, 2015, p. 371). Em sociedades desiguais, a educação está diretamente relacionada com a disparidade socioeconômica. De acordo com Soares, a desigualdade no acesso à informação é a principal justificativa para a preocupação com a utilização do mundo digital no Brasil, uma vez que essa ferramenta pode agravar ainda mais a desigualdade já existente entre os cidadãos brasileiros (2002, p. 18).

Seguindo esse pensamento, podemos observar a desigualdade social dentro do sistema educacional como "fruto de um processo histórico, configura-se no bojo das relações sociais e de produção, que dividiram e ainda dividem a sociedade em grupos econômicos distintos e, ainda mais, estabelece uma relação entre classes sociais antagônicas" (Guzzo; Filho, 2005, Online).

A incorporação da educação midiática nos currículos escolares pode ser um passo importante na promoção da igualdade social e na formação de cidadãos críticos. Uma vez que, o papel da informação e do conhecimento significa entender que estamos inseridos em um contexto social, em que o conhecimento e a informação têm um papel que determina os processos de desenvolvimento econômico e a democratização política e social (Barbero, 2000, p. 53).

A educação pública em São Paulo é gerenciada tanto pelo governo estadual quanto pelo governo municipal. As escolas de ensino fundamental, ensino médio, técnico e profissionalizante são administradas tanto pelo governo estadual, quanto pela prefeitura de São Paulo. A Secretaria de Estado da Educação de São Paulo (SEE-SP), é responsável por gerir as escolas estaduais de ensino médio, fundamental e técnico a nível estadual, o foco da pesquisa.

Desse modo, a desigualdade na educação do ensino público de São Paulo pode ser observada na disparidade socioeconômica entre escolas que possuem recursos, infraestrutura adequada e recursos tecnológicos, em comparação com escolas que não possuem. O desempenho dos alunos segue o mesmo padrão, observável em conjunto com indicadores como o Índice de Nível Socioeconômico (INSE).



### **2.3.1 Comparação entre a Escola Técnica Estadual de São Paulo (ETESP) e a Escola Estadual João Kopke**

A análise do estudo envolveu a comparação da Escola Técnica Estadual de São Paulo e Escola Estadual João Kopke. A escolha considerou o perfil socioeconômico e a localização, uma vez que estão em regiões próximas, porém, com perfil socioeconômico distinto.

O Indicador de Nível Socioeconômico (INSE), disponível no site do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), busca identificar desigualdades sociais na educação. Segundo a Nota Técnica do INEP, o INSE considera fatores como a renda familiar, o nível de escolaridade dos pais e suas profissões, além de outras variáveis, para classificar as escolas em diferentes níveis socioeconômicos (2023, p. 6).

O indicador se subdivide em oito níveis, cada um representando um intervalo nível de uma média socioeconômica. Sendo o nível I corresponde às escolas com uma média socioeconômica até 3, o nível II entre 3 e 4, o nível III vai de 4 a 4,5, nível IV de 4,5 a 5, nível V de 5 a 5,5, e o nível VI de 5,5 a 6, nível VII entre 6 a 7, enquanto o nível VIII é reservado para médias superiores a 7, indicando um contexto socioeconômico mais favorecido (2023, p. 10).

Segundo a planilha do INSE publicada em 2023, na capital de São Paulo existem apenas escolas entre os níveis IV e o VII. Desse modo, segundo o Indicador de Nível Socioeconômico (INSE), a Escola Técnica Estadual de São Paulo (ETESP) obteve a média mais alta, de 6,39, sendo considerada nível VII, enquanto a Escola Estadual João Kopke obteve a terceira mais baixa, de 4,58, considerada nível IV. Portanto, essa diferença nas médias indica uma discrepância socioeconômica entre as duas instituições. A alta média da ETESP sugere um contexto socioeconômico mais favorável, com acesso a melhores recursos e infraestrutura educacional. Em contraste, a média mais baixa da Escola Estadual João Kopke mostra uma escola com escassez de recursos e infraestrutura, além disso, condições socioeconômicas menos favoráveis. Essas diferenças mostram como as desigualdades sociais e econômicas podem refletir diretamente na qualidade da educação oferecida nas escolas públicas.

O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), é um indicador educacional que busca medir as taxas de aprovação escolar, avaliadas no Censo Escolar, juntamente com as médias de Língua Portuguesa e Matemática do Sistema de Avaliação da



Educação Básica (SAEB), que é um dos indicadores realizados por meio de avaliações de língua portuguesa e matemática e informações socioeconômicas. A Escola Estadual João Kopke no IDEB 2023, obteve uma média de 3,3, posicionando-se como a 19ª com o pior desempenho. Já no resultado do IDEB, a escola obteve a média de 4,35. No caso da ETESP, os indicadores de 2023 não foram divulgados.

Além disso, o Indicador Médio de Horas-aula, que afere a carga horária dos alunos, ou seja, sua permanência conforme a localização e a dependência administrativa. Em 2023, no ensino médio, a Escola Técnica Estadual de São Paulo obteve uma pontuação de 10,0, isso indica uma das permanências mais altas, por outro lado, a E.E. João Kopke obteve apenas 5,5.

Outro indicador disponível é a Tabela da Taxa de Rendimento Escolar de 2023, que mostra os índices de aprovação, reprovação e abandono. A diferença entre as escolas é evidente, no ensino médio, a Escola Técnica Estadual de São Paulo (ETESP) se destaca com uma alta Taxa de Aprovação, de 97,2%, enquanto a Escola Estadual João Kopke apresenta uma taxa de apenas 75,6%, uma das menores da capital. Além disso, em relação à Taxa de Abandono no ensino médio, a E.E. João Kopke obteve a média de 13,0, ficando em 14º com maiores índices de abandono, enquanto a ETESP de apenas 0,8. Esses dados reforçam a desigualdade educacional presente entre as duas escolas, indicando uma possível disparidade relacionado ao rendimento escolar e permanência do aluno.

A Escola Técnica Estadual de São Paulo (ETESP), conforme seu Plano Plurianual de Gestão (2023-2027), define seu projeto pedagógico integrando os componentes da Base Nacional Comum Curricular e os itinerários formativos, como Ciências da Natureza e Suas Tecnologias, Matemática e suas Tecnologias e Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, onde é aplicado a competência em linguagens (2023, p. 10).

A ETESP também se destaca também pela sua infraestrutura. Segundo a Rede CulturaEduca, que disponibiliza dados do Censo Demográfico e Censo Escolar, a escola possui laboratórios de informática e salas de aula equipadas com tecnologia multimídia. Conforme o Censo Escolar de 2020, a ETESP dispõe de 76 computadores de mesa, 94 computadores portáteis, 3 aparelhos de televisão e 1 aparelho de som. Em contrapartida, a Escola Estadual João Kopke apresenta uma estrutura mais defasada, com apenas 16 computadores de mesa, 2 computadores portáteis, 2 aparelhos de televisão e 1 aparelho de som. Evidenciando uma discrepância significativa defasagem em recursos tecnológicos que pode impactar diretamente a qualidade do ensino que necessitam de recursos midiáticos.



---

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa buscou explorar como a educação midiática impacta a educação, analisando a implementação dela na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). A ausência da educação midiática pode intensificar a desigualdade educacional, fazendo com que os indivíduos tenham percepção mais limitada sobre a realidade. Em contrapartida, aqueles que têm acesso a práticas de educação midiática em sua instituição de ensino, conseguem desenvolver uma percepção mais crítica sobre a realidade. A análise mostrou como a integração da educação midiática presente no currículo escolar pode reduzir as desigualdades presentes nas escolas, promovendo uma formação mais crítica e equitativa para os alunos.

É necessário discutir formas de promover práticas de educação midiática nas escolas, especialmente considerando a realidade desigual existente dentro delas. É importante entendermos que essa competência desenvolve habilidades críticas de interpretação, análise e produção de conteúdo midiático. Isso permite que indivíduos compreendam a complexidade das informações que recebem, diferenciando fontes confiáveis de desinformação pela capacidade de acessar, analisar e criar conteúdo de forma crítica. A educação midiática é uma ferramenta utilizada como um meio para preparar os estudantes para os desafios da era digital, fornecendo-lhes ferramentas para navegar, compreender e filtrar um grande fluxo de informações ao qual são expostos diariamente.

A implementação da educação midiática, conforme proposto pela nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC), representa uma oportunidade significativa para melhorar a qualidade no sistema de ensino. No entanto, a eficácia da implementação depende de uma avaliação cuidadosa das condições atuais das escolas e da adoção de políticas que garantam a alocação adequada de recursos, infraestrutura e capacitação dos educadores. Sem essas medidas, a disparidade educacional e socioeconômica entre as escolas pode persistir, limitando o impacto positivo do desenvolvimento dessa competência no currículo.

A desigualdade de ensino foi analisada através da comparação entre escolas públicas em São Paulo, utilizando indicadores como o Índice de Nível Socioeconômico (INSE) e a Taxa de Rendimento Escolar. Os indicadores revelam que existem disparidades significativas entre as escolas, refletindo desigualdades socioeconômicas e educacionais dos alunos e da infraestrutura de cada instituição de ensino. Portanto, para que a educação midiática consiga desenvolver habilidades críticas em um contexto educacional, é necessário pensar em investimentos em infraestrutura, recursos didáticos e formação continuada de professores para que a implantação do currículo seja equitativa. A ausência



de uma infraestrutura adequada e de recursos didáticos pode perpetuar essas desigualdades educacionais, como é o caso observado na Escola Estadual João Kopke.

A implementação dessa competência não demanda apenas a alteração no currículo das escolas, mas também carece de engajamento político no caminho de destinar verbas para que as escolas possam se preparar estruturalmente para acolher essas mudanças. A alocação desses recursos tem um retorno para a própria sociedade, uma vez que a desigualdade educacional - que, como visto, é o principal vetor para outras desigualdades - é combatida, se cria meios para que o indivíduo consiga entender melhor a própria realidade e como evoluir, deixando de ser um agente passivo da compreensão global.

Em conclusão, a promoção da educação midiática não é apenas uma questão curricular, e sim de estratégia de redução de desigualdades. Desse modo, é essencial que a implementação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) seja acompanhada de políticas que abordem as desigualdades estruturais nas escolas. Ao capacitar estudantes com essas competências, possibilita que, independentemente de sua condição socioeconômica, desenvolvam habilidades críticas e reflexivas, contribuindo para uma sociedade mais consciente, informada e participativa.

#### 4. REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura**. Editora Vozes, 1998.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. 2022 Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>

BRISOLA, Anna; BEZERRA, Arthur Coelho. **Desinformação e circulação de “fake news”: distinções, diagnóstico e reação**. In: XIX Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (XIX ENANCIB). 2018.

BUCKINGHAM, David. **Cultura digital, educação midiática e o lugar da escolarização**. Educ. Real., Porto Alegre, v. 35, n. 03, p. 37-58, dez. 2010. Disponível em <[http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-31432010000300004&lng=pt&nrm=iso](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-31432010000300004&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 10 jul. 2024.

BUCKINGHAM, David. **Precisamos Realmente de Educação Para os Meios?**. Comunicação & Educação, São Paulo, Brasil, v. 17, n. 2, p. 41-60, 2012. DOI: [10.11606/issn.2316-9125.v17i2p41-60](https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v17i2p41-60). Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/73536>. Acesso em: 10 jul. 2024.

CITELLI, A. O.; SOARES, I. de O.; LOPES, M. I. V. de. **Educomunicação: referências para uma construção metodológica**. Comunicação & Educação, [S. l.], v. 24, n. 2, p. 12-25, 2019. DOI: [10.11606/issn.2316-9125.v24i2p12-25](https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v24i2p12-25). Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/165330>. Acesso em: 23 mar. 2023.



COMIN, Alvaro Augusto. **Desenvolvimento econômico e desigualdades no Brasil: 1960-2010**. Trajetórias das desigualdades: como o Brasil mudou nos últimos cinquenta anos. São Paulo: Editora Unesp, 2015. Acesso em: 11 set. 2023.

CONCEIÇÃO, V. L. da; ZAMORA, M. H. R. N. **Desigualdade social na escola**. Estudos de Psicologia (Campinas), Campinas, v. 32, n. 4, p. 705-714, out./dez. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/kPwXrLYC5ThZdZmnBfTVLrv/>. Acesso em: 01 abr. 2023.

CULTURA EDUCA. **Cultura Educa**. Disponível em: <https://culturaeduca.cc/>. Acesso em: 10 jul. 2024

FANTIN, Monica; GIRARDELLO, Gilka. **Diante do abismo digital: mídia-educação e mediações culturais**. Perspectiva, Florianópolis, v. 27, n. 01, p. 69-96, jul. 2009. Disponível em: [http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-54732009000100005&lng=pt&nrm=iso](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-54732009000100005&lng=pt&nrm=iso). acessos em 10 jul. 2024.

FERRARI, Ana Claudia; OCHS, Mariana; MACHADO, Daniela. **Guia da Educação Midiática**. São Paulo: Instituto Palavra Aberta, 2020. Disponível em: <https://educamidia.org.br/api/wpcontent/uploads/2021/03/Guia-da-Educac%CC%A7a%CC%83o-Midia%CC%81ticaSingle.pdf> Acesso em: 11 nov. 2023.

FRANCISCO, Cicero Nestor Pinheiro. **A difusão de novas competências pela BNCC: os multiletramentos e o ensino da linguagem na era das novas tecnologias**. In: Congresso Internacional de Tecnologia na Educação Brasil. 2018.

INEP. **Indicadores de Nível Socioeconômico**. Nota técnica. Brasília, DF: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2021. Disponível em: [https://download.inep.gov.br/areas\\_de\\_atuacao/Indicadores\\_de\\_nivel\\_Nota\\_tenica\\_2021.pdf](https://download.inep.gov.br/areas_de_atuacao/Indicadores_de_nivel_Nota_tenica_2021.pdf). Acesso em: 05 abr. 2023.

INEP. **Nível Socioeconômico**. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/aceso-a-informacao/dados-abertos/indicadores-educacionais/nivel-socioeconomico>. Acesso em: 21 mar. 2023.

INEP. **Taxas de rendimento escolar**. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/aceso-a-informacao/dados-abertos/indicadores-educacionais/taxas-de-rendimento-escolar>

INEP. **Resultados do Ideb**. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/ideb/resultados>.

KRAWCZYK, Nora; ZAN, Dirce (org.). **A reforma do ensino médio em São Paulo: a continuidade do projeto neoliberal**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2022. Acesso em: 12 set. 2023.

LOPES, Paula Cristina. **Literacia(s) e literacia mediática**. CIES e-Working Paper, n. 110/2011. Disponível em: <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/2973?>. Acesso em: 05 abr. 2023.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Desafios culturais da comunicação à educação**. Comunicação & Educação, São Paulo, Brasil, n. 18, p. 51–61, 2000. DOI:



PROGRAMA INSTITUCIONAL DE  
INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XX Jornada de Iniciação Científica - 2024

10.11606/issn.2316-9125.v0i18p51-61.

Disponível

em:

<https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36920>.. Acesso em: 10 jul. 2024.

MENDONCA, Samuel; FIALHO, Wanessa Cristiane Gonçalves. **Reforma do Ensino Médio: velhos problemas e novas alterações**. Educ. Puc. Campinas, v. 25, e204626, 2020 . Disponível em <[http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S151939932020000100206&lng=p&t&nrm=iso](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151939932020000100206&lng=p&t&nrm=iso)>. Acessos em 01 abr. 2023. Epub 17-Jun-2020. <https://doi.org/10.24220/2318-0870v25e2020a4626>.

MESSIAS, Cláudio. **A Audiência Protagonista e Os Pressupostos Da Educomunicação: Reflexões Epistemológicas**. Dinâmicas e Suportes Para Conhecer, Reconhecer e Integrar Saberes Em Comunicação e Educação, edited by Eliana Nagamini and Ana Luisa Zaniboni Gomes, DGO-Digital original, SciELO – Editus - Editora da UESC, 2017, pp. 87–100. JSTOR, <http://www.jstor.org/stable/10.7476/9788574554877.9>. Acesso em 23 mar. 2023.

PEREIRA, Sara. **Crianças, jovens e media na era digital: consumidores e produtores?** Braga: UMinho Editora/Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, 2021.

PIRES, Roberto Rocha Coelho (Org.). **Implementando desigualdades: reprodução de desigualdades na implementação de políticas públicas**. São Paulo: Alameda, 2019.

SOARES, I. de O. **Gestão comunicativa e educação: caminhos da educomunicação. Comunicação & Educação**, [S. l.], n. 23, p. 16-25, 2002. DOI: 10.11606/issn.23169125.v0i23p16-25. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/37012>. Acesso em: 05 abr. 2023.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação e a formação de professores no século XXI**. FGV Online, v. 4, n. ja/jul. 2014, p. 18-37, 2014 Tradução . Disponível em: <https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/002657105.pdf>. Acesso em: 05 abr. 2023.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do ensino médio**. São Paulo: Paulinas. Acesso em: 05 abr. 2023. , 2011

UNESCO. **Jornalismo, fake news & desinformação: manual para educação e treinamento em jornalismo**. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000368647?posInSet=1&queryId=fdbb9a3f-1ee1-45b3-8517-5312eb98ac54> Acesso em: 10 nov. 2023

**Contatos:** [luanaxavierc@outlook.com](mailto:luanaxavierc@outlook.com) e [andre.santoro@mackenzie.br](mailto:andre.santoro@mackenzie.br)